

UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA-MARAJOARA (PARÁ)

A PHENOMENOLOGICAL STUDY ON RIBEIRINHA CULTURE IN AMAZÔNIA- MARAJOARA (PARÁ)

ETUDE PHENOMENOLOGIQUE SUR LA CULTURE DE RIBEIRINHA A AMAZÔNIA-MARAJOARA (PARÁ)

Felipe Kevin Silva

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém,
Brasil

felipekevin_15@hotmail.com

RESUMO

A comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, localizada no município de Muaná, oficialmente mesorregião do Marajó, será nosso ponto de partida às reflexões neste breve ensaio. O artigo abordará o ribeirinho e sua existência (*Dasein*) em seu aspecto relacional com o mundo circundante (*Umwelt*), entre o rio e a floresta: a paisagem. A paisagem, nesse sentido, surge como a totalidade da existência do ser ribeirinho, no cambiante fluxo de sua quadratura estética e ao seu modo poético-pensante de ser-no-mundo, no qual chamaremos de geopoética. Metodologicamente, nos lançamos à pesquisa-ação e a utilização do método fenomenológico existencialista, no qual a projeção perceptiva, a relação entre subjetividade/objetividade, interioridade/exterioridade, tornam-se fundamentais à compreensão ontológica da cultura ribeirinha e sua formação conjuntural como devaneio poético da existência entre o rio e a floresta. Bachelard, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty e entre outros são nossos convidados a mergulhar por este mundo enigmático onde imaginação, estética, mito e a realidade fática estão intrinsicamente envolvidos na iluminação recíproca da cultura ribeirinha amazônica-marajoara.

Palavras-Chave: Cultura ribeirinha; Experiências; Geopoética; Habitar; Linguagem Poética.

ABSTRACT

The riverside community “Joaquim Antônio”, located in the municipality of Muaná, officially the Marajó mesoregion, will be our starting point for the reflections in this brief essay. The article will address the riparian and its existence (*Dasein*) in its relational aspect with the surrounding world (*Umwelt*), between the river and the forest: the landscape. The landscape, in this sense, appears as the totality of the existence of the riverine being, in the changing flow of its aesthetic quadrature and its poetic-thinking way of being-in-the-world, in which we will call geopoetics. Methodologically, we launch into action research and the use of the existentialist phenomenological method, in which the perceptual projection, the relation between subjectivity / objectivity, interiority / exteriority, become fundamental to the ontological understanding of riverside culture and its conjunctural formation as poetic daydream of existence between the river and the forest. Bachelard, Heidegger, Sartre and Merleau-Ponty and among others are our guests to dive into this enigmatic world where imagination, aesthetics, myth and phatic reality are intrinsically involved in the reciprocal illumination of the Amazonian-Marajoara riverside culture.

Key words: Riverine culture; Experiences; Geopoetics; Dwell; Poetic Language.

RÉSUMÉ

La communauté de la rivière “Joaquim Antônio”, situé dans la municipalité de Muana mesoregion officiellement Marajó, sera notre point de départ des réflexions dans ce court essai. L'article traitera de la rivière et de son existence (*Dasein*) dans votre aspect relationnel avec le monde environnant (*Umwelt*), entre la rivière et la forêt: le paysage. Le paysage dans ce sens apparaît comme l'existence entière de la rivière, dans le flux changeant de votre carré esthétique et sa manière poétique-pensée

d'être dans le monde dans lequel nous appellerons geopoética. Méthodologiquement, nous avons lancé la recherche d'action et l'utilisation de la méthode phénoménologique existentielle, dans lequel la projection de perception, la relation entre la subjectivité / objectivité, intérieur / extérieur, devient fondamentale à la compréhension ontologique de la culture de la rivière et de la formation de la situation comme une rêverie poétique d'existence entre la rivière et la forêt. Bachelard, Heidegger, Sartre et Merleau-Ponty et d'autres sont parmi nos invités à plonger par ce monde énigmatique où l'imagination, l'esthétique, le mythe et la réalité objective sont intrinsèquement impliqués dans l'illumination réciproque de la culture rivière Marajoara-Amazon.

Mots-clés: Culture riveraine; Expériences; Géopoétique; Vivre; Langage poétique.

INTRODUÇÃO

É necessário pensar a Amazônia como região fértil e complexamente constituída por geograficidades diversas. Nesse sentido, mergulharemos no intenso e pulsante mundo ribeirinho, ao modo que, segundo Nietzsche (2010, p. 19), “é necessário ser capaz de admirar com veemência e penetrar com amor no íntimo de muitas coisas; faltando isso, não há como ser filósofo [tampouco geógrafo]”, isso porque “o essencial é invisível para os olhos”, como diria Saint-Exupéry (2015, p. 70). O que nos interessa, nesse mergulho, é a essência resguardada na quadratura ribeirinha em sua *habitação* poética e devaneante entre o rio e a floresta, algo que só pode ser sentido/percebido na dedicação total do corpo e do coração. A subjetividade, portanto, como dimensão humana espacializante da cultura, conota uma linguagem própria que dar sentido ao sentido de pertencer a um lugar. A comunidade ribeirinha (Figura 1), no qual dedico este estudo, pertence ao município de Muaná, microrregião do Arari, oficialmente mesorregião do Marajó (Pará). A comunidade reconhece-se pelo nome “Joaquim Antônio”, um nome com vários sentidos originários.

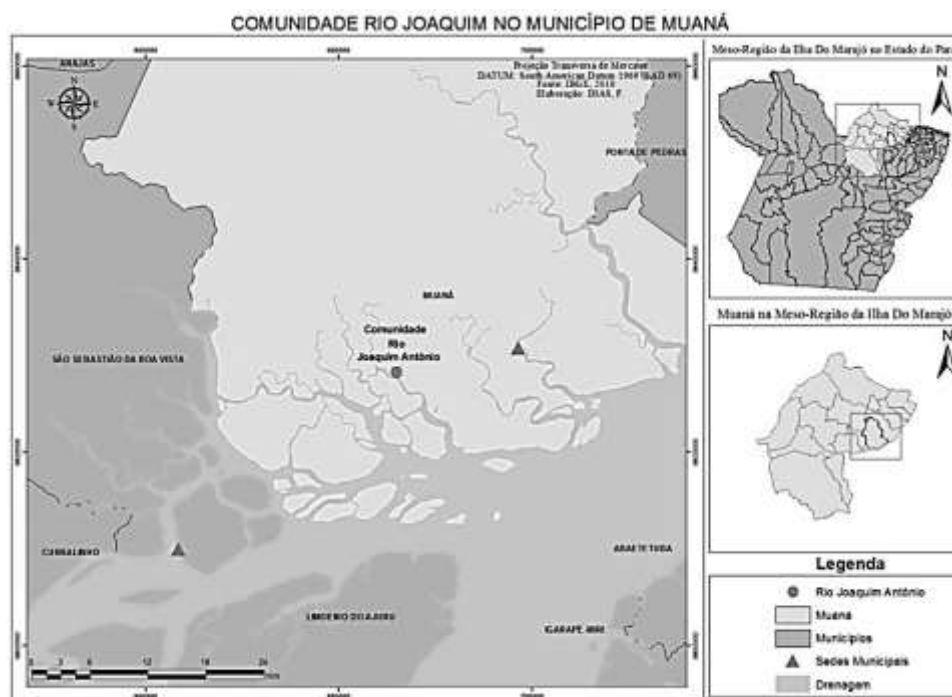


Figura 1 – Mapa de localização da comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, Muaná, Marajó (Pará). Fonte: IBGE, 2010.

“Pô-pô-pô”¹ – assim se inicia nossa viagem a um lugar onde a vida se realiza entre o rio e a floresta como espaço possibilitador da existência, devaneio poético, metáfora do ser ribeirinho no mundo. Como diria Paes Loureiro, “a margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos [...]” (LOUREIRO, 2016, p. 126). O rio diz respeito ao mundo objetivo e, ao mesmo tempo, deságua no imaginário, no cambiante fluxo da “subjetividade humana” (SARTRE, 2014). No entanto, embora – subjetividade e objetividade – pertencem a dois mundos que moram em cumes diferentes, suas naturezas estão intrinsicamente envolvidas em um projeto de transcendência do ser para o mundo na ressignificação comunicativa do real, ao modo que toda imaginação (subjetividade) já pressupõe uma ação (objetividade), como nos ensina Bachelard (1978).

A GEOPOÉTICA DO HABITAR RIBEIRINHO

A comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio” integra o município da pequena cidade-ribeirinha de Muaná, oficialmente mesorregião do Marajó (Pará). A gênese da comunidade remonta a década de 1980 e de forma espontânea e bem-intencionada por seus primeiros habitantes foi se estruturando. Assim como muitas comunidades ribeirinhas na Amazônia, porém com suas particularidades, os primeiros indícios da comunidade “Joaquim Antônio”

¹ Som-musical das pequenas embarcações que circulam entre os rios amazônicos.

surgiram de um pequeno grupo religioso que inspiravam encontros em uma singela capela, no qual reuniam devotos de vários lugares. Dona Timar, uma das primeiras moradoras da comunidade, hoje com 65 anos de idade, nos descreve que dessa pequena capela, ainda bem simples, aconteciam os encontros, as reuniões e os primeiros sinais da gestação de uma comunidade ribeirinha que hoje conta, em média, com quarenta famílias:

Há trinta e quatro, não, há trinta e cinco anos começamos a participar ali, no grupo de jovens. Assim, não era formada assim como é hoje, mas a gente participava, ali no Divino. Aí de lá a gente começou a fazer celebração, o rapaz construiu uma capela, e da lá passamos aqui para casa de minha sogra. Chegamos a ir de remo para cidade [de Muaná] para as missas, o Padre vinha para cá. Aí depois nós formamos...depois passou aqui para nossa casa. Passamos uns quanto tempo fazendo reunião².

O lugar como realização da existência humana chama a *memória* como essência do habitar, conduzida pelas relações intersubjetivas (SARTRE, 2008) no espaço, numa comunicabilidade sensório-motor com a paisagem, “na qual passado e futuro são presentes pela memória ou pela expectativa” (MARTINS COSTA; MEDEIROS, 2009, p. 377). As conversas, realizadas com a Dona Timar e o Sr. Raimundo, reverberam uma relação de origem comunitária onde a religiosidade, a fé, é o motor de uma realização tradicional, marcada pela ligação sensível com o passado (memória) sempre presente em projeção (futuro). Esta “ação comunicativa” (HABERMAS, 2012) realizada por Sr. Raimundo expressar que “a maior alegria da comunidade é se reunir para celebração da Palavra [aos domingos]”, faz-me crer, que a fé da comunidade não está exclusivamente concebida como *religare* metafísico, mas, como *religare* geográfico, isto é, como aquilo que sustenta as relações *em* comunidade e com o próprio sentindo de comunidade em sintonia profunda com Terra representada pela dinâmica da paisagem, como mundo-possível ou lugar-comum, conduzindo as atitudes e valores ambientais.

A comunidade pertence ao ambiente físico de várzea, no qual “[...] são ambientes costeiros recentes na escala geológica, formadas no período holocênico atual e constituem na tipologia mais representativa de ambientes inundáveis da Amazônia” (AMARAL et al, 2007, p. 42-45). Aí se estabelece o habitar poético, a geopoética ribeirinha. Essa existência só é possível no mundo, portanto, um mundo-possível, entendendo o mundo como instância que pressupõe qualquer adjetivação e objetividade conceitual, na tentativa pura de explicá-lo ou introduzi-lo a sistemas de abreviações (NIETZSCHE, 2010). Heidegger (1988) e Merleau-Ponty (1994) nos ensinam, embora de maneiras diferentes, que há diversos sistemas de redes

² Dona Timar, 65 anos de idade, conversa realizada no dia 22 de dezembro de 2016.

de significatividades, no qual cada coisa no mundo só ganha sentido em uma dada conjuntura, ou seja, a análise geográfica como descrição da realidade a partir do cotidiano vivido. A realidade ribeirinha é marcada por intencionalidades que estão sempre em sintonia com a dinâmica da natureza física, daí a conjuntura, que por *relação*, transforma cotidianamente as atitudes e valores ambientais como expressões culturais da comunidade.

Precisamos ser cativados na Terra na vontade de lançar-se a ela. Por esses caminhos, o significado de comunidade permeia na capacidade que um indivíduo tem de se apropriar do espaço físico com certa liberdade, esta liberdade entendida como ato político e existencial ao mesmo tempo. Este indivíduo, reciprocamente, sendo inundado pelos valores em comunidade. Dessa maneira, a comunidade é o rio, a floresta, os animais, na medida em que eles se tornam responsáveis por aquilo que cativam. A comunidade deixa de ser apenas um conjunto de linhas e pontos e, agora, para além das representações cartesianas, a comunidade ribeirinha é a “ancoragem possível” de quem a vive, consciência de “ser-mais-próprio-no-mundo” (HEIDEGGER, 1988). Inspirado em Nietzsche (2010), entendo, nesse sentido, que para cada pensamento/consciência que se realiza, mediante o mergulho sensível no espaço, uma emoção se faz presente, ou um conjunto delas.

À vista do que já foi exposto, compreende-se que a linguagem poética reverbera geografias autênticas da facticidade humana. Neste caso, o mundo vivido ribeirinho, nos convida, já mergulhados numa análise fenomenológica e existencialista, a importância da subjetividade como dimensão artística e performática da existência ribeirinha, manifestando-se, naturalmente, no cotidiano. Por isso, *geopoética do habitar ribeirinho*, pois é “na relação com essa linguagem rio corrente a percorrer a geografia da cultura, a linguagem artística é um caminho. Mas, nunca um caminho imóvel. A linguagem artística é um caminho que caminha” (LOUREIRO, 2016, p. 131). Nessa dramaturgia entre rios e florestas, a linguagem geográfica caminha como realização poética-estetizante da comunidade, mas também, na comunicabilidade entre dois mundos, digamos assim – a minha como pesquisador em fricção com as dos habitantes da comunidade, no mesmo sentido que nos propõe Gaston Bachelard:

Um filósofo que formou todo o seu pensamento ligando-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu, o mais precisamente possível, a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer seu saber, romper com todos os ‘hábitos de pesquisa’ filosóficas, se quiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética (BACHELARD, 1978, p. 183).

Gaston Bachelard é fantástico ao dizer isso, pois nos ensina a pensar a ciência e o compromisso do pesquisador/filósofo com a realidade para além de uma interpretação puramente filosófica ou puramente científica (GRATÃO, 2012). Incorporar a linguagem

poética a este empreendimento é um compromisso de libertação que nos possibilitando na travessia da ponte na busca de novos horizontes, considerando a experiência do ser-no-mundo como base da meditação e superação dos problemas. O desvelar poético da existência ribeirinha é uma dessas possibilidades reflexivas. Nesse sentido, acredita-se que a “linguagem poética é a possibilidade da experiência do desocultamento do ser como tal” (DAL GALLO, 2015, p. 43), ou seja, se a experiência, segundo Tuan (2013), só é possível no movimento do corpo no espaço, isto é, pela motricidade, como diria Merleau-Ponty (1994), significa dizer, que a linguagem poética nos possibilita ir ao encontro das “experiências geográficas” (DARDEL, 2015), em nosso caso, a(s) experiência(s) geográfica(s) da comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”.

São as “experiências geográficas”, segundo Dardel (2015), que sustentam as relações humanas com a Terra, fazendo do Lugar um mundo-possível e a Paisagem como totalidade existencial do ser; uma mensagem que ecoa da emergência do ser-no-mundo; devaneios da *pre-sença* constitutiva de uma linguagem autêntica à beira rio. No anunciar de um mundo possível, o ser ribeirinho se realiza, presentificando-se enquanto tal em sua linguagem geográfica própria. A linguagem, no entanto, não está subordinada ao homem nem a mulher, pois é *ela* quem movimenta a vida ao sentindo essencial das coisas, anunciando o habitar poético, conforme Heidegger (1954). Ao mesmo tempo em que percebo o mundo, ele me percebe; nos “entrelugares” (BHABHA, 1998) tomo consciência daquilo que é no resguardo (a memória). A consciência torna-se então um meio, um “instrumento”, não um fim, como afirma Nietzsche (2010), sendo, inclusive, àquilo que utilizamos como base a uma determinada ação (SARTRE, 2008), como nos revelam os próprios habitantes da comunidade (Figura 3).



Figura 3 – Homens trabalhando na olaria, no descarregamento da lenha. Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A olaria, lugar onde se os fabricam tijolos, mas também sonhos, são espaços de onde boa parte das famílias da comunidade retiram seu sustento. No entanto, não é qualquer homem ou mulher que pode trabalhar nesses espaços. Há um processo seletivo complexo, executado e fiscalizado pela natureza física em conjunto com as pessoas mais experientes. É necessário ganhar o respeito para tais funções. O respeito tanto da natureza quanto das pessoas, como nos ensina Robson, morador da comunidade há mais de trinta anos. É necessário *a priori* construir uma carreira de respeito. Os homens que trabalham nas olarias não exercem funções somente na olaria. Estes, corajosamente, aventuram-se nas matas para retirada do barro, colocá-lo no batelão e depois retirá-lo para terra. Além de cortar a lenha e preparar o forno (para o endurecimento do tijolo). Este trabalho iniciado ao cantar do galo, encerrando-se somente na última gota de óleo no motor, geralmente às 17h00m (Figura 4).



Figura 4 – Homens trabalhando na produção de tijolos, que na verdade, incia-se desde a ida à densa floresta para extração do barro. Num primeiro momento, temos o barro sendo pressionado para que possa ganhar a forma de tijolo, onde utiliza-se a força braçal. Num segundo momento, tem-se o tijolo já “seco” sendo levado para o forno. Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O homem ribeirinho que realiza essas funções, não de forma perfeita, mas exemplar, é consagrado Mestre, e seu saber é legitimado ao modo que todos param para ouvi-lo. Este homem, Mestre que se realiza entre rios e florestas, agora é referência aos seus companheiros de trabalho e aos jovens iniciantes ao mundo ribeirinho. Estes Mestres, cosmogônicos de formação, não possuem, infelizmente, nem o ensino fundamental, mas são Mestres, e souberam me ensinar junto as suas experiências sobre a Terra muito mais o que eu poderia aprender em quatro anos de graduação e dois de mestrado. A Universidade me ensinou muitas coisas sobre a Terra, mas a comunidade ribeirinha, as pessoas simples que adoram assistir novelas ao anoitecer, me ensinaram, sobretudo, a sentir o sabor dessas coisas que a Terra nos oferta como texto a ser decifrado.

Conforme nos ensina Nunes (2015), a linguagem exige-se enquanto espaço para as relações intersubjetivas. A linguagem ou a forma como se pensa e estrutura o espaço, reclama a filiação da existência por meio de uma interpretação que nasce do próprio ato interpretativo do enunciado, exigente, por sua vez, da “habilidade espacial” (TUAN, 2013). O ribeirinho, nesse sentido, hermeneuticamente arquiteta sua existência no espaço geográfico em mediação as suas necessidades e habilidades espaciais à luz de sua cultura. Se há luz, há produção de sombra, algo a sempre se desvelar ao homem e a mulher da várzea; a linguagem que nasce como semblante perceptivo do ribeirinho; performance artística de ação em caminho ao sentido latente de mundo, ato remanescente de uma poética criativa própria, campo iluminado pelas possíveis possibilidades de ser, no mundo (Figura 5).



Figura 5 – Jovens e suas pequenas embarcações. Num primeiro momento, temos um Jovem sentado em sua “popota”. Num segundo momento, irmãos organizando o “estacionamento” dos cascos. Um modo de ser emana do ato reflexivo e organicional. Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O modo de ser ribeirinho, nesse movimento reflexivo, direciona-se à ligação dialógica entre linguagem e existência, unida de forma flexível e de conteúdo inderteminante: o devaneio poético. Existe, nesse caminhar, uma verbalização da existência ribeirinha que só é possível entre o rio e a floresta, nos afazeres cotidianos, no ouvir as vozes do silêncio que ecoam da Terra como paisagem, na poética que antecede o verbo e o realiza enquanto tal: o espaço vivido poeticamente, sem que a subjetividade surja como antítese ao mundo objetivo ribeirinho (Figura 6).



Figura 6 – Indo apanhar o açaí às 5h45min. De um lado, um Mestre dos rios e das florestas, Sr. Ivan, e de outro, seus filhos, jovens iniciantes do ofício da extração e dos segredos da natureza. Fonte: Trabalho de campo, 2017..

O mundo objetivo, do trabalho, exige do ribeirinho uma conduta que muito tem a dizer de sua subjetividade, de seu corpo. É notável o cansasso dos jovens iniciantes apanhadores de açaí. O corpo revela isso. O suor, lágrimas do corpo, muito tem a dizer sobre um modo de ser, de existir, onde a natureza física, envolvida como paisagem, chama o ribeirinho para um instante, depois de muito trabalhar, a refletir sobre sua condição existencial. A paisagem, envolvendo o ribeirinho, o lança ao direito de sonhar, no devaneio ele se encontra enquanto ser-no-mundo. Transcendente dos princípios da casualidade e da elaboração cientificista do mundo, o ribeirinho projeta seu imaginário no cambiante movimento articulador com a paisagem.

O subjetivo e objetivo, portanto, segundo Loureiro (2015), são dois mundos que coexistem na poética ribeirinha e fundamentam as *intencionalidades* realizadas na cotidianidade. A paisagem, nesse sentido, emerge “enquanto mediação da imaginação [...] A natureza como fonte e projeção imaginária” (GRATÃO, 2012, p. 31). A paisagem que o liberta e ao mesmo tempo o lança ao encontro de si. O mundo sensível ribeirinho é construído dentro dessa relação visceral: o homem e a Terra, no qual já anunciará em seu processo construtivo, um habitar. Segundo Nunes (2015), *habitar* é demorar-se numa ocupação, permitindo a si mesmo no campo global de ser (Figura 7).



Figura 7 – Jovem apanhando o açáí. A paisagem o envolve, como se fosse um só num projeto total de ser. Fonte: Trabalho de campo, 2007.

O jovem confunde-se com a paisagem, demora-se nela. A paisagem confunde-se no jovem, demora-se nele. O jovem saboreia a paisagem, anunciando sua experiência como *fenômeno*. “O sabor, assim como outros elementos culturais e naturais, é uma das formas de estabelecer esta ligação homem-terra por meio da experiência da paisagem” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 70). O sabor revela-se enquanto degustação devaneante na paisagem, anunciando uma poética do imaginário que se já filiada a Terra, reclama o lugar enquanto dimensão da cultura. Nesse sentido, “o sabor que guarda (e desvela) experiência e memória da paisagem e do lugar, como as imagens, os símbolos, os mitos não é uma invenção psíquica do ser humano, mas uma função de revelar essências do ser” (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 70).

Essas dimensões ontológicas da cultura ribeirinha, evidentemente, estão ligadas a ligação existencial com a paisagem. A paisagem envolve o ribeirinho e o convida aos segredos dos enigmas permitidos somente àqueles que a vivem com o corpo e sangue, é como se paisagem dissesse: decifra-me! A paisagem atravessa o ser, ela “estar no ser”, emprestando a compreensão de Dardel (2015). E por ela estar no ser, a paisagem o atravessa e dita, sem determinar, o ritmo de vida do ribeirinho, sua performance corporal reluzente na estruturação espacial. É nessa conjuntura que a paisagem como abertura do ser ribeirinho se manifesta como devaneio da habitação poética.

O *habitar* como abertura ao poético é a essência da linguagem geopoética da existência ribeirinha, que por sua vez, não como justaposição, é a essência da experiência cotidiana. Todo habitar chama o ato do *construir*, afinal, “Parece que só é possível habitar o que se constrói” (HEIDEGGER, 1954, p. 1). Habitar, em outras palavras, é existir. É nessa “construção” que o poético nasce já pressupondo um espaço de acontecimentos: a pre-sença

ribeirinha. Embora *habitar* esteja intimamente vinculado ao *construir*, não podemos nos deixar enganar que qualquer construção seja necessariamente um habitar. Habitar, em linhas gerais, pode ser “entendido como cultivo e o crescimento” (HEIDEGGER, 1954, p. 3). Para que um Miritizeiro seja uma árvore grandiosa, ele precisa de tempo para se entender enquanto Miritizeiro, retirando seus nutrientes da Terra. O mesmo vale para os lugares. Para que possamos reconhecer um lugar como mundo-possível é necessário tempo para isso. Falar, portanto, da performance artística da existência ribeirinha é apreender um sentido poético de sua habitação entre rios e florestas, os saberes nutridos da Terra como Gaia, convertendo-se em sabor autêntico, ou seja, “o sabor posto como desdobramento da paisagem ou repercussão” (GRATÃO, 2012, p. 33). É arte sem contemplação narcísica. Daí o sentido de estética que permite ao ribeirinho a sonhar, o devaneante caminhar entre o rio e a floresta. Deixemos que Paes Loureiro nos revele um pouco disso:

O caboclo parece não crer que a natureza em torno, organizada esteticamente em paisagens, seja apenas matéria orgânica. Parece estar certo de que há alguma coisa inerente nela dando-lhe novo e original sentido, retirando-a da monotonia, conferindo-lhe sentido, nova beleza e intensificação da vida. Encantado com a natureza a homem amazônica vai tornando-a encantada e admirável. Com naturalidade vai imprimindo sua marca determinante na paisagem que a torna mais bela ainda e distinta do mundo físico cotidiano. Ultrapassando o patamar do sensível dos sentidos, *o homem constrói suas paisagens modelando, cenarizando a realidade no seu devaneio, geografizando seus sonhos*. Sonhador da paisagem, para usar uma expressão de labor bachelardiano, tem nessa paisagem um pressuposto de sua vida e a condição ambiental da cultural (LOUREIRO, 2017, p. 4-5 [grifo nosso]).

Desse modo, devemos entender a poética não como expressão literária ligada a sistemas de significados que se unem na expectativa de uma linguagem rítmica e simétrica, por exemplo – embora isso não fosse um problema. Mas em nosso caso, a poesia nasce em seu aspecto poético em ação, devaneio da existência ribeirinha em conexão com a Terra – casa, rio, campos e florestas. A poética aqui desenvolvida, portanto, diz respeito aos saberes que geograficamente articulam uma estética da cultura e identidade própria. Fala-se em saberes cosmológicos, práticos e espirituais que envolvem o ser amazônico e o desvela em sua geopoética. A poética encarnada no corpo e este por sua vez no espaço, desvela a cultura ribeirinha em sua geograficidade ou poeticidade, apresentando-se enquanto tal no desocultamento de seu mundo circundante, a paisagem. No desvelamento do mundo, o ser ribeirinho (na constituição de um *Dasein-amazônico-marajoara*, talvez) se estabelece numa relação dialética, ou melhor, dialógica entre interioridade e exterioridade, nos permitindo conhecer seu lugar, seu mundo vivido. Nesse sentido, a paisagem ganha força em sua função estética-poetizante, ao modo que esta “função estética” surge como “um dos componentes da plurivalente relação da coletividade humana com mundo” (LOUREIRO, 2015, p. 99).

Embora Foucault (2001, p. 2) pronuncie “que a ansiedade da nossa época tem a ver fundamentalmente com o espaço, muito mais do que com o tempo”, sua ressonância não ecoa na submissão da análise temporal sob a espacial. Isso não inclui afirmar uma negação do tempo e da história, mas de esclarecer que falar de tempo, ou temporalidade (como reconhecemos) é afirmar que as metamorfoses fazem parte da natureza humana, logo do espaço, um tempo vivido singularmente; uma condição ontológica como nos ensina Heidegger (1988); sendo toda experiência, a vontade de conhecer, como afirma Aristóteles (1984), um sistema intermediário criador do saber humano, que se manifesta em sua temporalidade, e isso inclui a ciência e a arte.

PAISAGEM – DEVANEIO POÉTICO DA EXISTÊNCIA RIBEIRINHA

“Um dia tava só nós aqui, tudo eles saíram, o titio foi para novela, só nós do quarto ficamos, depois a visagem apareceu: ‘visagem aparece...’ eles ficaram com medo. O senhor deve ficar também...”³

A imaginação da criança, de 6 anos de idade, *sobre* seu lugar, o rio “Joaquim Antônio”, nos desvela um mundo, uma poética em ação. Uma geopoética do habitar ribeirinho. Uma densidade que mergulha no rio e volta a respirar na mata, na floresta. Em apenas um suspiro, compreende-se enquanto tal. Ribeirinho. Sintonia transcendental que emana da experiência, espreguiçando-se na abertura fenomenal de ser, como uma flor que nasce no campo, ou a chuva que cai nas folhas de palmeiras que servem como proteção da casa. A criança fala de seu lugar. A criança fala de seus sentimentos. A criança ao descrever seu mundo imaginário, revela seu fato de ser-no-mundo.

Como diria Paes Loureiro:

O imaginário testemunha nossa liberdade de criar. Estamos colocados no lugar das manhãs do mundo. A margem do rio e da floresta é o *sfumato* entre o real e o não-real, o espaço esfumado que contorna as coisas, tornando-as vagas e misteriosas. O irreal ou não-real deixa de ser o que está escondido, submerso no real. Ao contrário. Ele se revela ao trabalho dos sentidos no *sfumato* desse livre jogo entre imaginação e entendimento, que é a poética do imaginário na cultura amazônica. Mais do que para dar lição, moralidades, ordenamentos, as ficções mitopoéticas ribeirinhas são para revelar a beleza; menos que estímulo à reflexão, breviário de certa moral a seguir, estimulam mais o prazer de sentir e ver. O caboclo, por sua mitopoética, não mente ou falta com a verdade. Ele faz aquilo o que Coleridge chama de ‘suspensão da descrença’ (LOUREIRO, 2016, p. 130).

A criança, ao embalar-se em sua rede, me sugere à desconfiança dos barulhos que a noite traz, como aparição de visagens. Não cabe a mim dizer se ela está certa ou errada.

³ Criança, 6 anos de idade, habitante de um lugar encantador: “Joaquim Antônio”.

Fiquei, na verdade, encantado com tanto suspense, e por isso preferi obedecer. Como diria Saint-Exupéry (2015, p. 10), “quando o mistério é muito impressionante, a gente não ousa desobedecer”. E assim, a pequena criança, de 6 anos de idade, me fez entender o sentindo poético, que é ao mesmo tempo estético e ontológico de sua cultura, de seu Lugar tomado como forma-conteúdo do “poetar pensante” de uma habitação, neste caso, o habitar singular da comunidade “Joaquim Antônio”.

Sentir, ver e pensar são formas que ajudam a entender as “mitopoéticas” ribeirinho mais que seu processo de estruturação, ordenamento e sistematização. Entendemos nesse sentindo, com base em Tuan (2013, p. 19), que “ver e pensar são processos intimamente relacionados”, e por este motivo, a visão não pode ser considerada como simples estímulo de luz na estrutura ocular, pois “ela é um processo seletivo e criativo em que os estímulos ambientais são organizados em estruturas fluentes que fornecem sinais significativos ao órgão apropriado” (Idem, 2014, p. 19). O mundo, portanto, ganha um sentindo latente em relação à existência humana, isso porque “é o próprio sujeito perceptivo que constrói o mundo, mundo em que, no entanto, está por meio da percepção [...]” (LYOTARD, s.d., p. 32) nascente desde a infância, afinal, como diria Tuan (2013), “a criança é o pai do homem” (Figura 8).



Figura 8 – Criança próximo ao matapí de seu avô, Sr. Ivan. Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Caro leitor, você sente a sintonia poética-estetizante da paisagem que envolve este pequeno ser na fotografia? Essa pergunta é injusta porque somente a criança, neste caso, pode sentir. O dado experienciado só pertence a quem o vive, de pés descalços, na ponte úmida e gelada ao amanhecer. Só é possível olhar para o céu com os pés no chão, e dentro desse princípio Hursseliano, podemos dizer que à criança só é permitido olhar para o rio e a floresta

com os pés na úmida ponte. Esbarramos, de certa maneira, num neologismo que apreende a importância do imaginário social, da subjetividade para manutenção da vida no espaço e no tempo, revelando o ser geográfico que cada um é em sua filiação com a Terra.

Descrever os lugares das pessoas é demasiado difícil, um enigma, ao modo que o lugar não é algo para ser entendido ou explicado, mas para ser sentido. E isso basta. A localização, diferentemente do lugar, é estática, sem cheiro e sem sabor; o lugar tem vida, emoção e está intimamente ligado à estratégias do *existir*. Estamos falando de pessoas que habitam uma parte de nossa Amazônia, e falar de pessoas é considerar inexoravelmente suas multidimensões afetivas⁴ com o lugar: alegrias e angústias, choros e risos, as histórias de vida. É levar em consideração os mitos, as religiosidades, a fé como princípios de uma topologia da existência, do mesmo modo como nos fala o Sr. Ivan:

Só eu e Deus vinha pra cá, esse ano que os pequenos tão vindo. Só eu e Deus, sozinho, nesse dia eu apanhei vinte cinco latas de açaí, mil reais fiz nesse dia. Só eu e Deus. Ia embora nessa mata, mas nunca aconteceu nada, graças a Deus. Agora eu só venho pegar depois de dez dias, agora vou dar uma roçada, dá uma limpada. Pra mim serve né, ganhar dinheiro. Teve um dia que eu tava sem dinheiro, veio só eu Deus, apanhei oito latas. Olha, amanhã já vou tirar para um terreno dali, lá tem muito, aqui tá paral. Eu já trabalhei muito cara, no tempo do Izan, da Rosineia [filhos]⁵.

O que o Sr. Ivan realiza com sua fé não escapa da paisagem, pois ela, a paisagem, agora é ato cognitivo e afetivo de sua existência no espaço e no tempo, movida pela experiência e percebida com o corpo, porém, sempre invisível ao simples lançar dos olhos. Por isso, paisagem não somente tudo aquilo que nossos olhos alcançam, como nos ensinam algumas correntes bem-sucedidas. O sentindo sobre Deus é polissêmico assim como o da paisagem também o é. Percebi Deus – apesar do meu ceticismo – com base na fala do Sr. Ivan, como a esperança que vem da floresta, do rio, da pesca...uma força da natureza que afeta as atitudes e valores ambientais desses sujeitos. Até mesmo as casas, construídas sobre o rio, possuem uma arquitetura fenomenal doada pela natureza, portanto, uma graça de Deus. Na confissão íntima no qual existe por gerações. Uma ligação subjetiva dos habitantes que forma seu mundo objetivo, e vice-versa.

As pessoas da comunidade me ensinaram que o rio é mais que o rio, pois ele transborda sua própria existência para além de meio da navegação, desvelando-se como

⁴ Diz respeito à “Topofilia”, um termo desenvolvido por Bachelard (1978) e difundido na geografia por Tuan (2012), e diz respeito “[...] à afetividade, os laços estabelecidos com o ambiente considerando muito da subjetivação humana, assim, revela o ser geográfico, o Homem, a sociedade como criadora de significado, por uma natureza que interpreta, tornando a ciência geográfica mais humana e subjetiva, ampliando seu entendimento para além de uma ciência dos lugares” (CISOTTO, 2013, p. 95). O estudo da Topofilia nos permite ampliar nossos horizontes acerca da relação do homem com o ambiente natural, sua percepção ambiental, considerando a observação/reflexão da paisagem.

⁵ Sr. Ivan, conversa realizada no dia 12 de outubro de 2016.

espaço telúrico, aquilo que Paes Loureiro (2015) chama de “poética do imaginário na cultura amazônica”. Dizer isso é afirmar a importância de não acreditar “no erro de que a espacialização geográfica se produz somente em virtude de um comportamento ativo” (DARDEL, 2015, p. 9), isso porque os homens, mulheres e crianças sofrem influência do ecossistema local. “É o desenvolvimento de uma ciência da libido em que o desejo brilha, o jogo estético evidencia-se, o prazer do olhar é dominante e o compartilhamento com a natureza é o prêmio” (LOUREIRO, 2016, p. 127). Um sistema que amarra os habitantes da comunidade àquilo que se tornam diariamente *junto-a* Terra. A “intimidade”, segundo Bachelard (1978) em *A poética do espaço*.

O pitoresco excessivo de uma moradia pode esconder sua intimidade. É verdadeiro na vida. Mais verdadeiro ainda no devaneio. As verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos levam, as casas ricas de um onirismo fiel, são avessas a qualquer descrição. Descrivê-las seria *fazê-las visitar*. Do presente, pode-se talvez dizer tudo, mas do passado! A casa primeira e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra. Ela surge da literatura em profundidade, isto é, da poesia, e não da literatura eloqüente que tem necessidade do romanceados outros para analisar a intimidade. Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo de um devaneio em que vou *repousar* no meu passado. Então, posso esperar que minha página contenha algumas sonoridades verdadeiras, ou seja, uma voz tão distante em mim mesmo que será a voz que todos ouvem quando escutam a fundo a memória, no extremo da memória, além talvez da memória no campo do imemorial. Não comunicamos aos outros senão urna *orientação*, visando ao segredo sem, entretanto, nunca poder dizê-lo objetivamente [...] (BACHELARD, 1978, p. 205).

É esta intimidade, não somente como preocupação da psicologia, mas geográfica, que irá enriquecer o debate sobre a geopoética do habitar como dimensão da existência ribeirinha, e, consequentemente contribuir à novas perspectivas geográficas, sobretudo no que diz respeito a gestão e planejamento ambiental na região amazônica: “[...] mas é necessário tomar partido: fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há nem mesmo a geografia física, somente uma ciência vã” (DARDEL, 2015, p. 8). O espaço chama nossa ação e antes de qualquer ação, existe uma cultura em projeção. Essa projeção, no qual Bachelard (1978) chama de “imaginação”, é o potencial criativo de cada homem e mulher, jovem ou velho de “Joaquim Antônio”, de nossa complexa Amazônia. Concebemos o espaço como liberdade desejada pelos seres humanos (TUAN, 2013), protagonista de sua existência (SARTRE, 2014) enquanto conjunto de infinitas possibilidades de ser:

Fora daqui é estranho. Aqui tu pode dormi, amanhece e já sabe o que fazer, vai apanhar açaí, se quiser né, se não quiser [fala com anseio de risadas]. Mas isso é verdade, tem o camarão, a caça, o peixe, tudo pro cara comer. Agora se o cara for vadio, na casa vem doença, ainda tem isso também, mulher bonita tem. Assim vai a situação. A única queixa seria nosso representante do nosso rio, que não faz nada, que só faz despesa pro nosso bolso ⁶

⁶ Israel, 23 anos de idade. Conversa realizada no dia 12 de outubro de 2016.

Outro espaço se torna “estranho” pelo fato de tangenciar o mundo vivido ribeirinho já construído, no “demorar-se”. As exigências ontológicas do modo de ser destes sujeitos. Quero dizer que, o lugar, “Joaquim Antônio”, é o único espaço no mundo que estes sujeitos podem descansar sossegados, pois estão sabendo que ali seus familiares, amigos e a proteção divina se fazem presente: “Em paz me deitarei e dormirei, porque só tu, Senhor, me fazes habitar em segurança” (SALMOS 4:8). O lugar é uma habitação segura que é legitimada pelo ato de ser poeticamente.

Nesse momento, esbarramos em duas dimensões da existência ribeirinha: O ser-em-comunidade (ser-no-mundo) e o ser-com-os-outros-em-comunidade, no qual dizem respeito ao *Dasein* de cada indivíduo (ente) num sentindo coletivo (o que é anônimo; público). O primeiro diz respeito ao ser ribeirinho em sua autenticidade em comunidade, o segundo ao ser ribeirinho inautêntico, isto é, como existência objetificadora, mergulhado no público que o classifica pelo Todo. Paradoxalmente, ambos coexistem em termos de projeto e geograficidade e historicidade única, compartilhada espacialmente na finitude do ser, ambas potencializadas no âmbito das possibilidades do *Dasein*, isto é, de sua *abertura* enquanto ser-em-comunidade e ser-com-os-outros-em-comunidade. Uma linguagem única nasce em meio a esta performance ribeirinha junto à dinâmica da paisagem, do rio, da floresta, da várzea. A linguagem, portanto, surge como recurso que une os indivíduos em-comunidade, verbalizando a existência que ora é autêntica e ora é inautêntica, isso porque, como afirma Benedito Nunes, “O *Dasein* [...] está sempre se movimentando numa ou noutra direção” (NUNES, 2000, p. 105) ao modo que para esta movimentação o espaço, como nos ensina Heidegger (1988), é necessário.

Esta atmosfera de pensamento exige que relacionemos a dinâmica da paisagem às questões psicológicas, religiosas, morais e estéticas da comunidade, apreendida, portanto, como *abertura*. Interpretar a paisagem como *abertura* implica trazermos a discursão o ser ribeirinho *junto-as-coisas* de suas condições ontológica, realizada na latência do mundo percebido. A paisagem infere no conjunto dessas condições ontológicas do ser ribeirinho, possibilitando ao agir, ao conhecer as estruturas constitutivas do *Dasein* e, naturalmente, sua compreensão de ser-em-comunidade. Portanto, a paisagem desvela-se como ânimo (*Stimmung*) do ser ribeirinho, no entanto, nunca adjetivada em sendo de *isto* ou *aquilo*. O ser ribeirinho enquanto ser-em-comunidade ilumina-se por sua existência e, dessa maneira,

mergulhado em sua própria possibilidade de ser-mais-próprio-no-mundo, é lançado à seu *projeto*.

A paisagem como *abertura* do ser ribeirinho permite o sentir e compreender a vida ribeirinha *temporalmente e espacialmente*, dando condições para as pessoas escreverem e contarem suas histórias, interpretando-se enquanto ribeirinhos à luz de seus projetos de ser-em-comunidade, concretizado cotidianamente, logo, interligando essencialmente as estruturas sociais, cognitivas e afetivas de pertencer ao lugar, convertendo naturalmente *localidade* em *mundo vivido*, ou se preferirmos, espaço geométrico em espaço geográfico, sendo algo que requer uma certa “disposição de ânimo” (NUNES, 2000). Nesse sentido, é necessário admitir que “as relações sociais que definem as comunidades na Amazônia são bastante diversas e complexas, envolvendo: relações comerciais e de vizinhança, reciprocidade, generosidade e solidariedade, parentesco, amizade, compadrio etc.” (PEREIRA, 2015, p. 136). É nesta relação paradoxal entre autenticidade/inautenticidade do ser ribeirinho que a paisagem nasce como *habitação poética* e mantém suas tensões com o lugar.

Segundo alguns moradores, estar em comunidade é pertencer a um mundo. Um mundo-possível. O *pertencer* é o sentimento/confiança de demorar-se num lugar, entre Deuses/mortais⁷, terra/céu. Entretanto, não se trata apenas no “demorar-se” que a existência se realiza como espacialidade do ser ribeirinho num lugar, isso porque é necessário manter relações *junto às coisas* nessa habitação, como bem nos ensina Dona Timar. O rio, assim como a floresta e o sol, surge como potência da Natureza como *ela* é, em sua perfeição, em seu silêncio, sempre, e chamando o ribeirinho ao seu desvelamento numa comunicabilidade recíproca. A paisagem agrega todos esses signos que a Terra oferece, no entanto, estes signos só ganham sentido com a presença do ribeirinho, isso por que “a paisagem é a natureza penetrada pelo olhar” (LOUREIRO, 2016, p. 129).

Segundo Figueiredo Filho, “o cerne da questão é que a paisagem é uma fusão de diferentes perspectivas, ela é natureza e cultura, ambiente e percepção, objetiva e subjetiva, funcional e estética. É o esforço da imaginação que deve tentar agregar essas possibilidades em um só sentido” (FIGUEIREDO FILHO, 2015, p. 38). Por isso a paisagem nesta pesquisa surge como habitação poética, pois “somente sendo capazes de habitar é que podemos construir” (HEIDEGGER, 1954, p. 10) nosso lugar. É somente nessa capacidade do habitar, que a comunidade se torna o que *é*, empondera-se de seu espaço geográfico, transformando-o

⁷ Entende-se que “Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte *como* morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses. Nomeando os mortais, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro” (HEIDEGGER, 1954, p. 4).

na medida de suas necessidades materiais e imateriais, sempre mergulhados em sua própria densidade espaço-temporal, uma temporalidade que é diferente da frieza do relógio e sua mecanização da realidade. A olaria, as casas, os barracos, as pontes, as sedes onde se realizam as festas, são todas essas manifestações da geograficidade ribeirinha (Figura 9).



Figura 9 – Olaria, um lugar onde se fabrica os tijolos, uma parte do sustento familiar, um lugar de encontros. Fonte: Trabalho de campo, 2016.

Esta imagem é um quadro da natureza. Possui uma estética própria que muito tem dizer sobre um modo de ser. Uma poesia escrita por mãos calejadas. Representa a ação humana em seu ambiente físico por meio da olaria, que é um dos meios de subsistência econômica das famílias, algo característico dos grupos humanos que habitam este lugar. A representação imagética nos traz não somente a “dimensão estética” (LOUREIRO, 2016), mas ontológica do espaço vivido e seu devir com uma temporalidade singular, no que diz respeito, sobretudo, a dinâmica da natureza física como expressão autêntica que se confunde com projeto existencial da comunidade, seu modo de vida, encarnada no corpo e na alma. Um sublime encontro entre o céu e a Terra, o divino e o terreno, o ribeirinho consigo mesmo se realiza nessa paisagem. Paisagem é transformação, transformada e transformadora dos homens que se dispõe entre o rio e a floresta como espaço das possibilidades. A Paisagem ribeirinha é esclarecimento no sentido Kantiano; é reveladora da condição humana forjada pelas experiências vividas e sentidas pelo corpo em movimento estruturante no tempo e espaço, proporcionando sentido(s) ao lugar enquanto “potencial criativo” do homem (NIETZSCHE, 2010).

A paisagem como habitação poética é o esclarecimento dessa linguagem “poética-estetizante” enquanto realidade geográfica da comunidade “Joaquim Antônio”. A paisagem

que circunda o ribeirão é a linguagem sempre em transformação no qual “o homem toma consciência do fato de que ele habita a Terra” (BESSE, 2015, p. 119). Significa dizer que a paisagem como habitação poética está para além do olhar, da tecnicidade, sendo um empreendimento corpóreo-temporo-espacial, isso porque a paisagem é lucidez que não habita tão somente a exterioridade ou tão somente a interioridade humana, mas encontra-se no embate, na fricção entre essas dimensões que dão sentido cultural e identitário ao espaço, por isso a paisagem é limpidez que “afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p. 31) do ribeirão. Num sentido geral, a paisagem do Amazônia-marajóara é o próprio homem, a mulher, a criança e os mais velhos, indivisíveis em um projeto cosmológico uno de um Todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é um desdobramento sintético da pesquisa intitulada *Memória, Percepção e Experiência: a geopoética do habitar ribeirão na Amazônia-marajóara (Pará)*, desenvolvimento no âmbito do mestrado em geografia (PPGEO/UFGA), a partir de um mergulho profundo lançado ao labiríntico mundo dos rios, tendo como ícone referencial a comunidade ribeirão enquanto protagonista de sua própria geograficidade, à luz de sua cultura, tanto enquanto elemento político e existencial, mas também, sendo esta geograficidade, um instrumento para começarmos a repensar as práticas em campo e na escrita acadêmica, na interface entre cultura, educação e meio ambiente na geografia. A paisagem, nessa atmosfera de pensamento, revela-se como devaneio poético da existência ribeirão, não limitando-se a relação estímulo-resposta ou um mero estudo do cotidiano como rotina, “*but as something which permeates man’s whole being. Similarly the world is permeated by man*” (RELPH, 1970, p. 197).

Numa perspectiva Heideggeriana, o artista só se reconhece enquanto tal em sua obra, em sua ocupação e dedicação sincera. No mesmo sentido, o ribeirão só se reconhece enquanto tal na permanência sincera de seu espírito forjado *junta-a* suas experiências vividas cotidianamente, entre o rio e a floresta, na *habitação*. Existe uma dedicação sincera do ribeirão à elaboração de seu ser num sentido inderteminante, de sua formação existencial no mundo, na construção ontológica de sua paisagem como devaneio poético e estético na iluminação da cultura a beira rio. O ribeirão, portanto, compreendido em sua “geograficidade” (DARDEL, 2015), direciona sua vontade de potência à (re)criação de uma “estética-poetizante” própria, emprestando um termo de Loureiro (2015). A relevância, portanto, do presente artigo está em demonstrar como a comunidade ribeirão articula sua existência no cambiante fluxo, dialógico, com a natureza física, inclusive, emergindo a

importância das “geografias vernaculares” (CLAVALL, 2011) como princípios para repensar uma geografia viva, com cor, sabor, cheiro e corporeidade, auxiliando para descolonização tanto do saber geográfico.

Entre o sentimento e a razão o poético se realiza. O poético como fenômeno, por sua vez, não se manifesta a toa no mundo. Ele necessita de um lugar onde este mundo é possível de ser. Temperado de cor, cheiro e sabor, o lugar é o poético manifestando-se como (an)dança do ribeirinho entre o rio e a floresta, em sua *ocupação*. O poético, portanto, segundo Loureiro (2015), surge como choque pulsante entre dois mundos: o real e o imaginário. E assim se esquia o mundo vivido da comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio” das subjugações urbanocêntricas positivista, que partem tanto do dito “saber acadêmico” quanto das políticas públicas direcionadas, por exemplo, a Educação do campo. Nesse mergulho, o que nos interessou foram às experiências entendidas enquanto pensar poeticamente o habitar ribeirinho e, nesse movimento, a experiência se apresentando-se como fenômeno sensível da espacialização humana.

Nesse sentido, a comunidade ribeirinha, aqui interpretada numa atmosfera fenomenológica existencialista, surge como ponto de partida para nossas reflexões e problemas geográficos. Um mundo a se desvelar à luz de sua própria cultura e construção identitária. A poética nasce no caminhar, no ato penetrante nas matas fechadas, as florestas, na labuta que exige do homem e da mulher ribeirinho uma dedicação total de seu corpo, de seu espírito. A paisagem como devaneio é ato reflexivo que lança o ser ao mundo, mundo este que tem seu princípio na casa, como nos ensina Bachelard (1978). Portanto, o presente estudo teve como propósito, trazer ao leitor (atento), uma perspectiva da Amazônia marajoara fundamentada pelas relações existenciais do homem com a Terra, tendo a experiência como *fenômeno*. Uma interpretação que transcende a análise economicista de nossa região. A estética aliada ao engajamento político, o rio e a floresta como direito de sonhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, D. D. et al. **Campos e florestas das bacias do Atua e Anajás, ilha do Marajó, Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUTTIMER, A. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical review**, p. 417-426, 1969.

BESSE, J-M. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CLAVAL, P. Terra dos homens: a Geografia, uma apresentação. **GEOUSP: Espaço e Tempo** (Online), n. 29, p. 80-86, 2011.

CISOTTO, M. F. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 94-97, 2013.

MARTINS COSTA, V. E. S; MEDEIROS, M. O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, 2009.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAL GALLO, P. M. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em "Out of Africa"**. [s.n.]. Dissertação de mestrado, Departamento de Geografia, Unesp, Campinas, SP, 2015.

FOUCAULT, M. Outros espaços. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. **Ditos e Escritos**, vol III, 2001.

FIGUEIREDO FILHO, J. B. **Paisagem, lugar e percepção: um estudo das relações do homem e os manguezais no município de Quatipuru – Pará**. Departamento de Geografia, Universidade Federal do Pará, Brasil, 2015. 103 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRATÃO, L. H. B; MARANDOLA JR, E. M. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, v. 26, n. 51, p. 59-74, 2012.

GRATÃO, L. H. B. Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 30-41, 2012.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. **Segunda Reunião de Darmstadt, Pfullingen**, 1954.

_____. **Ser e Tempo**. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

HABERMAS, J. **Teoria do Agir Comunicativo. Racionalidade da Ação e a Racionalização Social & Sobre a Crítica da Razão Funcionalista**. vol. 1 e 2. São Paulo: Martin Fontes, 2012.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4ª Ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

_____. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. **Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, v. 3, n. 3, p. 8, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NUNES, B. Heidegger e a poesia. **Natureza humana**, v. 2, n. 1, p. 103-127, 2000.

_____. **A Clave para o Poético**. Organização e apresentação: Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Tradução: Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2010.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **The Canadian Geographer**, v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.

SAINT-EXPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. 1ª Ed. São Paulo: Escala, 2015.

SARTRE, J.-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. de João Batista Kreuch. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes editora, 2014.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva experiência**. Trad. Livia de oliveira. Londrina: Eduel, 2013.